



Evento: XXIX Seminário de Iniciação Científica

**DOR MUSCULOESQUELÉTICA EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE  
UMA UNIDADE NEFROLÓGICA<sup>1</sup>**  
**MUSCULOSKELETAL PAIN IN NURSING PROFESSIONALS OF A NEPHROLOGICAL UNIT**

Aline dos Santos da Rocha<sup>2</sup>, Ana Luiza Pess de Campos<sup>3</sup>, Carmen Cristiane Schultz<sup>4</sup>, Gabryela Andressa Speroni<sup>5</sup>, Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz<sup>6</sup>, Eniva Miladi Stumm<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Pesquisa Institucional desenvolvida no DCVida, pertencente ao Grupo de Pesquisa Cuidado, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde.

<sup>2</sup>Acadêmica do 9º semestre do Curso de Enfermagem da UNIJUI. Bolsista PROBIC/FAPERGS. Grupo de Pesquisa Cuidado, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde, [aline.santos@sou.unijui.edu.br](mailto:aline.santos@sou.unijui.edu.br);

<sup>3</sup>Enfermeira da Unimed Noroeste RS, [ana\\_aninha.campos@hotmail.com](mailto:ana_aninha.campos@hotmail.com);

<sup>4</sup>Enfermeira, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção Integral à Saúde UNICRUZ/UNIJUI, [carmen.schultz@sou.unijui.edu.br](mailto:carmen.schultz@sou.unijui.edu.br);

<sup>5</sup>Acadêmica do 7º semestre do Curso de Enfermagem da UNIJUI. Bolsista PIBIC/CNPq. Grupo de Pesquisa Cuidado, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde, [gabryela.speroni@gmail.com](mailto:gabryela.speroni@gmail.com);

<sup>6</sup>Professora Orientadora, Enfermeira, Doutora em ciências. Mestre em saúde coletiva. Especialista em preceptoría no SUS e Saúde da Família, Docente da UNIJUI, [adriane.bernat@unijui.edu.br](mailto:adriane.bernat@unijui.edu.br);

<sup>7</sup>Professora Orientadora, Enfermeira, Doutora em Ciências-Enfermagem, Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção Integral à Saúde UNICRUZ/UNIJUI.

## RESUMO

**Introdução:** características do trabalho da enfermagem na assistência ao paciente renal crônico expõe os profissionais ao risco de adoecimento físico. **Objetivo:** analisar a relação entre a intensidade da dor musculoesquelética e o perfil sociodemográfico e laboral de profissionais de enfermagem. **Metodologia:** trata-se de um estudo transversal, analítico, envolvendo profissionais de enfermagem que atuam em uma Unidade Nefrológica. **Resultados:** Participaram 15 profissionais de enfermagem. Participantes do sexo feminino, casados, na faixa etária dos 31 a 40 anos, técnicos de enfermagem, que cumprem turno de trabalho de 6 horas, não exercem cargo de chefia, mantém vínculo empregatício exclusivo e consideram insuficiente seu tempo para lazer, avaliaram sua dor como mais intensa. Não foi constatada relação entre a intensidade da dor e as características sociodemográficas e laborais. **Conclusão:** Profissionais de enfermagem que atuam em uma Unidade Nefrológica sentem dor musculoesquelética, de moderada a alta intensidade, o que requer atenção a fim de implementar ações de prevenção do adoecimento e de promoção da saúde laboral. **Palavras-chave:** Enfermagem. Saúde ocupacional. Nefrologia. Distúrbios musculoesqueléticos.

## INTRODUÇÃO

A Sociedade Brasileira de Nefrologia destaca que, atualmente, há cerca de 850 milhões de pessoas com doença renal (ANDRADE; TAVARES, 2020) e destes, mais de 130 mil estão em tratamento dialítico (NEVES *et al.*, 2020). O número de indivíduos portadores de Insuficiência Renal Crônica (IRC) aumentou significativamente com o passar dos anos



(PRESTES *et al.*, 2016). Os autores pontuam que a assistência de enfermagem ao paciente renal crônico demanda avaliação, tratamento, suporte familiar e manejo de situações que envolvem dor, sofrimento e morte, o que requer atualização profissional constante.

A dor uma das as principais queixas dos profissionais de enfermagem, é conceituada pela Associação Internacional de Estudos para Dor (IASP) como uma experiência desagradável que afeta o emocional e sensitivo do indivíduo, e está relacionada a uma lesão tecidual real ou potencial que pode evoluir para a cronicidade e, inclusive, inviabilizar exercício profissional (RAJA *et al.*, 2020).

Os distúrbios musculoesqueléticos tem origem multifatorial e envolvem aspectos pessoais do indivíduo (SILVA *et al.*, 2020). Os autores destacam dentre os sintomas de agravos ao sistema osteomuscular, a sensação de formigamento, dormência, mudança na sensibilidade e exaustão muscular e pontuam que estes causam sofrimento ao profissional.

A partir dessas considerações e do posicionamento dos autores, o objetivo deste estudo foi analisar a relação entre a intensidade de dor musculoesquelética e o perfil sociodemográfico e laboral de profissionais de enfermagem.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal, de caráter analítico, desenvolvido com profissionais de enfermagem que atuam em uma Unidade de Nefrologia de um hospital geral, situado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A população do estudo compreendeu 15 profissionais de enfermagem. Com relação aos critérios de elegibilidade, foram estabelecidos: ser integrante da equipe de Enfermagem e atuar na Unidade de Nefrologia da referida instituição. Foram excluídos os profissionais de enfermagem que no período de coleta dos dados estavam afastados, em licença saúde e/ou férias.

A coleta de dados foi desenvolvida entre novembro de 2020 a janeiro de 2021 mediante a utilização dos seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico e laboral, questionário nórdico de sintomas osteomusculares (QNSO) e escala numérica de avaliação da dor (EVA). O questionário sociodemográfico e laboral incluiu questões sobre a caracterização sociodemográfica e de trabalho dos participantes. O QNSO é um questionário múltiplo e binário, que avalia a ocorrência de distúrbios musculoesqueléticos no último ano e nos últimos sete dias que antecederam a coleta de dados, bem como impedimento para realizar



atividades cotidianas e à consulta com profissional da área da saúde, no último ano (BARROS; ALEXANDRE, 2003). Já a EVA com numeração de 0 a 10, no qual 0 representa “sem dor” e 10, “dor máxima”. Para classificação dos níveis de dor, foram utilizados os escores: 0 sem dor; 1 a 4, dor leve; 5 a 6, dor moderada; e 7 a 10, dor intensa (NASCIMENTO, 2017).

Para análise dos dados utilizou-se o Software *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 22.0 e analisados com estatística descritiva e inferencial. Projeto de pesquisa aprovado pela Comissão de Avaliação do hospital e após pelo Comitê de ética de pesquisa, sob Parecer Consubstanciado nº 3.657.852.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 15 profissionais de enfermagem, destes três enfermeiros e 12 técnicos de enfermagem. Constata-se que a população é predominantemente feminina (80%), o maior percentual está na faixa etária de 31 a 40 anos (53,3%), casados e têm filhos. Com relação às características profissionais e laborais, o maior percentual é de técnicos de enfermagem (80%), formados desde seis a 10 anos (33,3%), que cumprem 36 horas semanais de trabalho (80%) e mantém vínculo empregatício exclusivo (66,7%).

A Tabela 1 apresenta os resultados referentes à intensidade de dor musculoesquelética e a relação desta com características sociodemográficas e laborais. Não foi constatada relação entre a intensidade da dor autorreferida pelos profissionais de enfermagem e as características sociodemográficas e laborais. Constata-se que os participantes do sexo feminino, casados, na faixa etária dos 31 a 40 anos, técnicos de enfermagem, que cumprem turno de trabalho de 6 horas, não exercem cargo de chefia, mantém vínculo empregatício exclusivo e consideram insuficiente seu tempo para lazer, avaliaram sua dor como mais intensa.

**Tabela 1. Características sociodemográficas e laborais segundo a avaliação da dor de profissionais de enfermagem (=15) – Ijuí, RS, 2020/2021**

Características		N(%)	Intensidade de dor musculoesquelética				p-valor*
			sem dor	leve	moderada	intensa	
Sexo	Feminino	12(80,0)	3(20,0)	1(6,7)	4(26,7)	4(26,7)	0,120
	Masculino	3(20,0)	0(0,0)	2(13,3)	1(6,7)	0(0,0)	
Estado civil	Casado	12(80,0)	3(20,0)	3(20,0)	3(20,0)	3(20,0)	0,421
	Solteiro	3(20,0)	0(0,0)	0(0,0)	2(13,3)	1(6,7)	



Filhos	Sim	12(80,0)	3(20,0)	3(20,0)	2(13,3)	4(26,7)	0,058
	Não	3(20,0)	0(0,0)	0(0,0)	3(20,0)	0(0,0)	
Faixa etária	18 a 30 anos	5(33,3)	2(13,3)	0(0,0)	2(13,3)	1(6,7)	0,089
	31 a 40 anos	8(53,3)	1(6,7)	1(6,7)	3(20,0)	3(20,0)	
	41 a 50 anos	2(13,3)	0(0,0)	2(13,3)	0(0,0)	0(0,0)	
Categoria profissional	Téc. enfermagem	12(80,0)	3(20,0)	1(6,7)	4(26,7)	4(26,7)	0,120
	Enfermeiro	3(20,0)	0(0,0)	2(13,3)	1(6,7)	0(0,0)	
Chefia/ Coordenação	Sim	2(13,3)	0(0,0)	1(6,7)	1(6,7)	0(0,0)	0,511
	Não	13(86,7)	3(20,0)	2(13,3)	4(26,7)	4(26,7)	
Jornada trabalho diária	6 horas	12(80,0)	2(13,3)	2(13,3)	5(33,3)	3(20,0)	0,577
	12 horas	3(20,0)	1(6,7)	1(6,7)	0(0,0)	1(6,7)	
Turno de trabalho	Manhã	3(20,0)	0(0,0)	2(13,3)	1(6,7)	0(0,0)	0,112
	Tarde	6(40,0)	1(6,7)	0(0,0)	2(13,3)	3(20,0)	
	Manhã e tarde	4(26,7)	2(13,3)	1(6,7)	0(0,0)	1(6,7)	
	Troca folga	2(13,3)	0(0,0)	0(0,0)	2(13,3)	0(0,0)	
Possui outro vínculo empregatício	Sim	5(33,3)	1(6,7)	2(13,3)	1(6,7)	1(6,7)	0,567
	Não	10(66,6)	3(20,0)	1(6,7)	4(26,7)	2(13,3)	
Pratica atividade física	Sim	5(33,3)	0(0,0)	2(13,3)	2(13,3)	1(6,7)	0,385
	Não	3(20,0)	0(0,0)	1(6,7)	1(6,7)	1(6,7)	
	Às vezes	7(46,6)	3(20,0)	0(0,0)	2(13,3)	2(13,3)	
Tempo de lazer	Suficiente	6(40,0)	2(13,3)	1(6,7)	1(6,7)	2(13,3)	0,584
	Insuficiente	9(60,0)	1(6,7)	2(13,3)	4(26,7)	2(13,3)	
Problema de saúde diagnosticado médico	Sim	6(40,0)	2(13,3)	0(0,0)	1(6,7)	3(20,0)	0,124
	Não	9(60,0)	1(6,7)	3(20,0)	4(26,7)	1(6,7)	

\* Qui-quadrado de Pearson

A equipe de enfermagem que atua em unidade nefrológica está exposta ao risco de adoecimento físico. Esta afirmativa emerge de reflexões dos resultados do presente estudo que demonstram que profissionais de enfermagem que atuam em uma unidade de nefrologia sentem dor musculoesquelética, de moderada a alta intensidade, porém esta não têm relação com as características pessoais e profissionais investigadas.

O fato de a maioria dos participantes ser mulher, com idade entre 31 e 40 anos, casadas e com filhos, pode explicar parcialmente as queixas de dor, visto que estas apesar de manter vínculo empregatício exclusivo, realizam atividades domésticas e cuidado com os filhos. Resultados semelhantes foram encontrados por Moura, Martins e Ribeiro (2019) que afirmam que a enfermagem em nefrologia é predominantemente feminina, apresenta dor ou desconforto musculoesquelético e que a percepção de dor aumenta conforme a idade.

Oliveira (2017) explicita que o trabalho da enfermagem em unidade de hemodiálise expõem o profissional ao risco de adoecimento decorrente do esforço físico no auxílio aos pacientes, movimentos repetitivos, deslocamento de máquinas, equipamentos e insumos que requerem maior esforço durante a assistência. Silva *et al.* (2020) contribuem ao afirmarem



que a dor lombar está relacionada a natureza do trabalho de enfermagem, as técnicas de elevação inadequada do paciente, cargas excessivas e posturas incorretas. Sousa (2020) vai além ao afirmar que as doenças do sistema osteomuscular na enfermagem constituem uma das principais causas de afastamento do trabalho.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da associação da intensidade de dor musculoesquelética com características sociodemográficas e laborais de profissionais de enfermagem que atuam em uma Unidade Nefrológica evidencia que a categoria está exposta a diversos riscos que podem desencadear dor musculoesquelética e danos à saúde física. Profissionais de enfermagem que atuam em uma Unidade de Nefrologia sentem dor musculoesquelética, de moderada a alta intensidade, o que requer atenção de gestores e dos próprios profissionais a fim de implementar ações de prevenção do adoecimento e de promoção da saúde laboral. Não houve diferença estatística entre os grupos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M.C.; TAVARES, M.S. Dia Mundial do Rim. Sociedade Brasileira de Nefrologia, 2020.
- NEVES, P. D. M. M. et al. Brazilian Dialysis Census: analysis of data from the 2009-2018 decade. *Braz. J. Nephrol.*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 191-200, 2020.
- PRESTES, F.C. *et al.* **Danos à saúde dos trabalhadores de enfermagem em um serviço de hemodiálise.** *Revista Gaúcha Enfermagem*, v. 37, n. 1, p. 1-7, 2016.
- RAJA, S.N. et al. The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises. *Pain*. 2020; 161(9):1976-1982.
- SILVA, S. M. et al. Distúrbios osteomusculares e ações para reduzir a ocorrência em trabalhadores de enfermagem. *Revista Enfermagem*, v. 28, 2020.
- BARROS, E. N. C.; ALEXANDRE, N. M. C. **Cross-cultural adaptation of the Nordic musculoskeletal questionnaire.** *International Nursing Review*, v. 50, n. 2, p. 101-8, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/55549/Downloads/NordicQuestionnaire.pdf>.
- NASCIMENTO, J. C. **Avaliação da dor em pacientes com câncer em cuidados paliativos à luz da literatura.** *Saúde e Ciência em ação*, v. 3, n. 1, jan-jul, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICS/article/view/329>.
- OLIVEIRA, V. C. e ALMEIDA, R. J. **Aspectos que Determinam as Doenças Osteomusculares em Profissionais de Enfermagem e seus Impactos Psicossociais.** *J Health Sci* 2017;19(2):130-5.
- MOURA, M. I. R. L.; MARTINS, M. M. F. P. S; RIBEIRO, M. P. L. **Sintomatologia musculoesquelética dos enfermeiros no contexto hospitalar: contributo do enfermeiro de reabilitação.** *Revista de Enfermagem Referência*, v. 4, n. 23, p. 121-131, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIVn23/serIVn23a13.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- SOUSA, F. C. A. *et al.* **Lesões músculo esqueléticas relacionadas ao trabalho da enfermagem.** *Research, Society and Development*, v.9, n.1, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/336278132\\_Lesoes\\_musculo\\_esqueleticas\\_relacionadas\\_ao\\_trabalho\\_da\\_enfermagem](https://www.researchgate.net/publication/336278132_Lesoes_musculo_esqueleticas_relacionadas_ao_trabalho_da_enfermagem). Acesso em: 10 jul. 2021